

RESENHA CRÍTICA

Diego Candido Abreu¹

O inglês como língua internacional na prática docente

RAJAGOPALAN, Kanavillil; PEREIRA, Maria Nilva. Maria Nilva Pereira pergunta/Kanavillil Rajagopalan responde: o inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, D. C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009. p. 39-46.

O texto se baseia em uma entrevista realizada pela professora Maria Nilva Pereira com o pesquisador e Linguista aplicado indiano Kanavillil Rajagopalan. A professora Maria Nilva Pereira é graduada em Letras, com habilitação em Português, Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2000) e possui especialização em em Linguística Aplicada ao Português: Produção de Texto, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Kanavillil Rajagopalan (Rajan) é Professor Titular (aposentado-colaborador) na área de Semântica e Pragmática das Línguas Naturais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ele nasceu na Índia, onde obteve B. A. em Literatura Inglesa (Universidade de Kerala), M. A. em Literatura Inglesa (Universidade de Delhi) e M. A. em Linguística (Universidade de Delhi).

No primeiro parágrafo do texto, Maria Nilva Pereira questiona a própria denominação dada à Língua Inglesa como língua internacional (ILI). Segundo Cruz (2006), ILI “refere-se ao Inglês usado nas interações entre falantes não nativos que têm línguas maternas diferentes”. A partir dessa definição, a autora levanta um questionamento acerca da variante a ser privilegiada no processo de ensino/aprendizagem do inglês. Partindo desses questionamentos, o Professor Rajagopalan desenvolve o seu argumento no decorrer do texto.

Para Rajagopalan, e para muitos de seus conterrâneos indianos, o inglês é um símbolo extremamente contraditório. Ao mesmo tempo em que o autor tem uma relação negativa com o inglês, por essa língua ser uma herança dos colonizadores, ele admite que a expressão de seus pensamentos se dá de maneira mais satisfatória e plena através desse idioma.

Segundo Rajagopalan, o *World English* só pode ser considerado uma língua internacional devido à ausência de falantes nativos. Dessa forma, o autor assume uma distinção entre o ILI e a língua falada em países como Estados Unidos e Inglaterra. Assim,

¹ Aluno do curso de Letras – Português/Inglês da UERJ – Faculdade de Formação de Professores e professor de inglês.

ressalta o autor, “quando falamos em *World English* (...) não faz o menos sentido falar em falantes nativos”. Portanto, o autor substitui o conceito de “falante nativo” por usuário desse fenômeno linguístico.

O autor afirma que o fenômeno linguístico do *World English* é uma decorrência do que se convencionou chamar de globalização, cuja marca é o hibridismo e a multacentralidade. Segundo o autor, multacentralidade denomina a existência de uma multiplicidade de centros e normas de uma língua.

O autor critica a ideia da existência de um “núcleo mínimo de inteligibilidade entre falantes de diferentes formas de falar inglês. Rajagopalan concorda com Maria Nilva Pereira na crítica ao núcleo de inteligibilidade. Mesmo após a discriminação dos aspectos que impedem a inteligibilidade entre os falantes das variantes do inglês, ainda permaneceria a questão de qual variante deveria ser privilegiada na correção durante uma interação em ILI.

Outra crítica tecida por Rajan se refere à questão “Inteligibilidade para quem?”. Dessa maneira, podemos perceber que o conceito de inteligibilidade é definido por relações de poder muito mais complexas do que um núcleo mínimo poderia dar conta. O autor propõe uma perspectiva diferente para a observação do conceito de inteligibilidade, não sendo ele pautado por uma “resposta binária”, mas sim por uma escala mais flexível.

Finalmente, Rajagopalan se debruça sobre um questionamento derradeiro em seu texto: qual variedade deve ser privilegiada no ensino de Inglês, o *World English*? O autor afirma que todas as variedades devem ser privilegiadas para que o aluno tenha a possibilidade de lidar com todas as formas de falar inglês. Para tanto, o autor aconselha que o professor apresente para o aluno uma variedade de maneiras diferentes de negociar significado através do *World English*, buscando desvencilhá-lo de uma cultura específica e abrir as portas para diferentes perspectivas de realidade a partir do *World English*.